

mediação

REVISTA MEDIAÇÃO
Belo Horizonte
v.27 • n.39
Jul./Dez. 2025
ISSN 2179-9571

Publicação dos cursos de
Jornalismo e Publicidade e Propaganda da FCH
e do Programa de Mestrado e Doutorado em Tecnologia da
Informação e Comunicação e Gestão do Conhecimento da FACE

*Comunicação e Interseccionalidades:
direitos, afetos, disputas e dissensos*

UNIVERSIDADE
FUMEC



Mediação / Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde. - v. 27. n. 39 (jul./dez. 2025)- . - Belo Horizonte: Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, 2001- .

v.

Semestral

ISSN 2179-9571

1. Comunicação de massa. 2. Jornalismo. 3. Publicidade. 4. Propaganda.
I. Universidade FUMEC. Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde.

CDU: 316.77

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária-FUMEC

Os conceitos emitidos em artigos assinados são de absoluta e exclusiva responsabilidade de seus autores.

Universidade FUMEC

REITORIA

Reitora:

Profa. Ma. Mércia Cristina Scarpelli Reis de Souza

Pró-reitora de graduação

Profa. Ma. Mércia Cristina Scarpelli Reis de Souza

Pró-Reitor de Pós-Graduação,

Pesquisa e Extensão

Prof. Dr. Sérgio Henriques Zandona Freitas

FUNDAÇÃO

Conselho de Curadores:

Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta – Presidente

Prof. Dr. Wagner Luiz Silva – Vice-Presidente

Conselho Executivo

Prof. Dr. Air Rabelo – Presidente

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E DA SAÚDE

Diretor:

Prof. Me. Rodrigo Suzana Guimarães

FACULDADE DE CIÊNCIAS EMPRESARIAIS

Diretora:

Profa. Dra. Renata de Sousa da Silva Tolentino

CURSOS DE JORNALISMO E PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Coordenador

Prof. Sérgio Arreguy Soares

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS EMPRESARIAIS

Coordenador

Prof. Armando Sérgio de Aguiar Filho

REVISTA MEDIAÇÃO

Editora:

Profa. Dra. Nair Prata

Projeto Gráfico

Tecnologia da Informação

Editoração Eletrônica

Therius Santana

Ilustração da Capa

Mateus Herolt Werneck

Conselho Editorial

Prof. Adriano Duarte Rodrigues

(Universidade Nova de Lisboa, Portugal)

Profa. Astréia Soares (Universidade Fumec, Brasil)

Prof. Bruno Sousa Leal (Universidade

Federal de Minas Gerais, Brasil)

Prof. Gedley Belchior Braga (Universidade

Federal de São João del Rei, Brasil)

Profa. Graziela Valadares Gomes de Melo Vianna

(Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

Prof. Luiz Ademir de Oliveira (Universidade

Federal de São João del Rei, Brasil)

Prof. Márcio de Vasconcelos

Serelle (PUC Minas, Brasil)

Prof. Moisés Adão Lemos Martins

(Universidade do Minho, Portugal)

Profa. Regina Motta (Universidade

Federal de Minas Gerais, Brasil)

Profa. Thäis Machado Borges

(Universidade de Estocolmo, Suécia)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
<i>Nair Prata</i>	

— Dossiê Comunicação e Interseccionalidades: direitos, afetos, disputas e dissensos —

SE NOS CORTAM AS ASAS, NÃO SOMOS ASAS CORTADAS, PODEMOS VOAR OUTRA VEZ: PROVOCAÇÕES FILOSÓFICAS EM UM DIÁLOGO COOPERATIVISTA.....	14
<i>Aline Barasuol</i>	

NARRATIVA JORNALÍSTICA E ENQUADRAMENTO IMAGÉTICO DAS CONDIÇÕES DE VULNERABILIDADE DE POVOS MIGRANTES NA FRONTEIRA MÉXICO-ESTADOS UNIDOS.....	27
<i>Camila da Silva Fernandes</i> <i>Ângela Cristina Salgueiro Marques</i> <i>Vanessa Cardozo Brandão</i>	

DIVERSIDADE PADRONIZADA: DELINEAMENTOS DA ACORPORALIZAÇÃO MIDIÁTICA.....	40
<i>Vírnia Peixoto Martins</i> <i>Fernanda Carrera</i>	

AS NARRATIVAS ALÉM DAS CICATRIZES: UMA REFLEXÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE VIDAS HISTORICAMENTE SILENCIADAS	54
<i>Thais Ortega Pichinin</i>	

A GORDA ESTEREOTIPADA: REPRESENTAÇÃO DE MULHERES GORDAS EM SÉRIES DE STREAMING.....	65
<i>Roberta Barboza de Oliveira Machado</i> <i>Liliane Dutra Brignol</i>	

QUANDO O LAUDO DO AUTISMO VIRA POST: A MEDIATEZACÃO DE DIAGNÓSTICOS NAS MÍDIAS SOCIAIS.....	82
<i>Cilene Victor</i> <i>Amanda Ganzarolli</i>	

JORNALISMO SONORO COM PERSPECTIVA DE GÊNERO: DIREITOS REPRODUTIVOS E ABORTO LEGAL NA SÉRIE SALA DE ESPERA.....	94
<i>Debora Cristina Lopez</i> <i>Gabriely Lemos</i>	

ACESSIBILIDADE, COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO DE TRABALHADORES COM DEFICIÊNCIA NO CONTEXTO EUROPEU: DISCUSSÕES EM CURSO EM CONGRESSOS CIENTÍFICOS.....	107
<i>Guilherme Ferreira de Oliveira</i> <i>Roseane Andrelo</i>	

O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES JORNALÍSTICAS NA CULTURA DO ESTUPRO.....	119
<i>Giulia Navarro</i> <i>Helen Fontes</i>	

LESBOCÍDIOS NOTICIADOS PELO JORNALISMO: TEXTOS VERBO-VISUAIS EM ANÁLISE.....	128
<i>Paulo Bernardo Ferreira Vaz</i> <i>Maria Clara Soares Rodrigues</i> <i>Steyce Dayane Lopes</i>	

EPISTEMOLOGIA DA ESCUTA EM COLETIVOS DE MULHERES COMUNICADORAS: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA AMAZÔNIA LEGAL.....	144
Paulo Giraldi	
ATRAVÉS DA RETINA: UMA ANÁLISE DAS COBERTURAS SOBRE FEMINICÍDIO NA “ALMA PRETA” EM DEZ ANOS DA LEI.....	158
Nayara Luiza de Souza	
Bárbara Maria Lima Matias	
EL CAMINO ES JUNTO: CORPO E POÉTICA DAS RUAS PELO DIREITO AO ABORTO LEGAL NA FOTOGRAFIA DE LUCÍA PRIETO.....	170
Angie Biondi	
Rita Maria Radl-Philipp	
Luis Alberto Fernández Silva	
DISSIDÊNCIAS EM INTERSECÇÃO: LESBIANIDADE E TRANSEXUALIDADE EM EMILIA PÉREZ.....	180
Paula Silveira-Barbosa	
Raabe Bastos	
Dayane do Carmo Barretos	
A JORNADA DA VILÃ: MITO, REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO DA MULHER PERIGOSA NA TELENÓVELA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	193
Marcella Ferrari Boscolo	
Maria Ignês Carlos Magno	
NARRAR A SI EM PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS LGBTQIA+ DE VIOLÊNCIAS EM CONTEXTOS DE ISOLAMENTOS.....	206
Maurício João Vieira Filho	
Mariana Ramalho Procópio	
PESQUISA EM ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA: ATRAVESSAMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS.....	217
Samara Wobeto	
Viviane Borelli	
MOVIMENTO CLEAN GIRL: MISOGINIA, FASCISMO E O CONTROLE DOS CORPOS A PARTIR DAS REDES SOCIAIS	232
Augusto Molinari	
A CISHETERONORMATIVIDADE E A INVISIBILIDADE NO JORNALISMO: ANÁLISE DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES DE PESSOAS LGBTQIAP+ NO GÊNERO NOTÍCIA	244
Rafael Rodrigues Pereira	
ENTRE O SILÊNCIO E A RESISTÊNCIA: SIGNOS FEMININOS NA HISTÓRIA E NA CULTURA.....	255
Kátia Bizan	
UM ROSTO INTRIGANTE: RETRATOS, AUSÊNCIAS E APAGAMENTOS EM TORNO DA IMAGEM PÚBLICA DA BEATA BENIGNA.....	263
Joedson Kelvin Felix de Oliveira	
Elane Abreu de Oliveira	
CAPACITISMO ALGORÍTMICO NO CHATGPT: UMA NOVA MODALIDADE DE DISCRIMINAÇÃO CONTRA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	278
André Gomes da Silva	
Elaide Martins	

A TENTATIVA DE SILENCIAMENTO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A PRÁTICA EMANCIPADORA DA COMUNICAÇÃO: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS NA REGIÃO DAS VERTENTES, MG.....	295
--	-----

Marcela Fernanda da Paz de Souza
Regina de Souza Teixeira

VIOÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO E PRODUÇÃO ACADÊMICA NO BRASIL: LACUNAS E DESAFIOS PARA O CAMPO DA COMUNICAÇÃO.....	310
---	-----

Vanilda G. Cantarino de Magalhães
Telma S. P. Johnson

Entrevista

DISPUTAS E DISSENSOS PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PERCURSOS DAS EXPERIÊNCIAS ÀS PESQUISAS	319
---	-----

Sônia Caldas Pessoa
Phellipy Pereira Jácome

APRESENTAÇÃO

O ano de 2025 emerge como um marco simbólico no cenário jurídico e social brasileiro, com a celebração dos dez anos da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e da Lei do Feminicídio. Ainda que essas legislações representem importantes avanços no reconhecimento de direitos e no enfrentamento à violência de gênero e ao capacitismo, as desigualdades estruturais persistem, denunciando um cenário em que corpos vulnerabilizados continuam a ser alvo de opressões históricas. É nesse contexto que esta edição da **Revista Mediação** apresenta o dossiê *Comunicação e Interseccionalidades: direitos, afetos, disputas e dissensos*, que se propõe a aprofundar debates urgentes sobre as múltiplas dimensões que atravessam fenômenos como o feminicídio, capacitismo, violência de gênero, transgeneridades, lesbianidades e temas afins no campo da Comunicação.

Ao reconhecer a interseccionalidade como chave analítica fundamental para a compreensão das violências e resistências, o dossiê convidou a comunidade acadêmica a refletir sobre como as construções sociais e suas historicidades relacionadas a raça, gênero, sexualidades, deficiências e demais marcadores de diferença influenciam processos de marginalização e silenciamento. Questionamos: quais corpos são legitimados como narradores de si? Quem permanece invisível nas esferas midiáticas, científicas e institucionais? Entre afetos, disputas e dissensos, interessou-nos problematizar as fronteiras entre hospitalidade e hostilidade, acolhimento e exclusão, justiça e privilégio.

Este dossiê acolheu artigos teórico-metodológicos, pesquisas concluídas/em desenvolvimento, relatos de experiência, narrativas de vida e proposições reflexivas que abordassem o tema proposto a partir de lentes interseccionais. Incentivamos a produção científica que se assuma implicada, crítica e sensível às experiências dos sujeitos envolvidos, recusando perspectivas universalistas e neutras. A Comunicação, neste cenário, não é apenas campo de análise, mas também território de disputa por sentidos, direitos e reconhecimento.

Ao promover este espaço de diálogo, a **Revista Mediação** reafirma seu compromisso com a construção de sociedades inclusivas, plurais e comprometidas com a dignidade humana. Convidamos pesquisadoras, pesquisadores e demais sujeitos engajados com a transformação social a contribuir para este debate, compartilhando reflexões que tensionem estruturas, revelem afetos, denunciem violências e proponham caminhos de resistência e reexistência. Que este dossiê seja um espaço de escuta, visibilidade e potência para corpos e narrativas historicamente subalternizados.

Para coordenar este dossiê da **Revista Mediação**, para o qual recebemos quase 40 submissões, convidamos os professores Sônia Caldas Pessoa (UFMG) e Phellipy Jácome (UFMG), especialistas no assunto e reconhecidos pesquisadores do tema. Ao final de todo o trabalho de avaliação duplo-cega por pares, publicamos um dossiê com 24 artigos, que certamente se tornará uma referência no campo de estudo. Os editores também realizaram uma entrevista que inaugura um novo projeto aqui na revista: a transmediação. Nas últimas décadas, *transmídia* tornou-se um conceito central nos estudos de mídia, impulsionado sobretudo por Henry Jenkins e sua noção de *transmídia storytelling*, amplamente difundida após *Cultura da Convergência* (2008). Embora o termo tenha sido introduzido anteriormente por Marsha Kinder e Mary Celeste Kearney (Evans, 2011), sua consolidação teórica ocorreu quando passou a ser associado aos modos contemporâ-

neos de circulação de narrativas. Pesquisadores como Carlos Scolari (2013) também contribuíram para esse debate, reforçando que a transmídia caracteriza uma estética narrativa própria da cultura da convergência, articulada com práticas participativas e processos de inteligência coletiva. Dessa forma, a entrevista realizada no Laboratório de Experimentações Sonoras (LES FAFICH UFMG), em parceria com a Rádio Terceiro Andar, está sendo publicada neste dossiê da revista e também veiculada na Rádio FUMEC.

A partir do tema *Disputas e dissensos para educação inclusiva: percursos das experiências às pesquisas*, Sônia Caldas Pessoa e Phellipy Pereira Jácome, conversaram com Mariana Rosa, doutoranda em Educação na USP, na área de Desigualdades e Diferenças, além de ser mulher com deficiência, ativista e mãe de uma criança com deficiência. Mariana integra o Coletivo Feminista Helen Keller e fundou o Instituto Cáue – Redes de Inclusão, voltado à defesa interseccional dos direitos das pessoas com deficiência. Atua como educadora popular e assessora escolas públicas e privadas em educação inclusiva. Atualmente, é conselheira do Conselho Nacional de Educação.

O desenho da capa desta edição é de Mateus Herolt Werneck, 19 anos, ilustrador e *character designer*. Ele cursa Design de Jogos na Universidade FUMEC, desenha desde criança e começou a se profissionalizar há 5 anos. Mateus fala sobre o seu trabalho: "busco uma finalidade para a minha arte, de modo que eu seja capaz de mostrá-la ao mundo. Tenho paixão por jogos e criação de universos, mas, principalmente, pelo mundo artístico. Tenho como referência artes *cartoon*, mas mesclo desenhos estilizados com técnicas realistas".

Abrimos o dossiê com o artigo *Se nos cortam as asas, não somos asas cortadas, podemos voar outra vez: provocações filosóficas em um diálogo cooperativista*, de Aline Barasuol. O texto propõe uma reflexão filosófica, inspirada na virada estética dos estudos organizacionais, a partir da experiência de uma jovem líder de uma cooperativa-escola e da autora como educadora e pesquisadora. Amplia discussões de uma tese doutoral com aportes existencialistas, revelando novos horizontes para o cooperativismo. Sustenta que jovens e mulheres são agentes criativos no mundo, capazes de construir um cooperativismo ancorado na diversidade.

O texto *Narrativa jornalística e enquadramento imagético das condições de vulnerabilidade de povos migrantes na fronteira México-Estados Unidos*, de Camila Fernandes, Ângela Cristina Salgueiro Marques e Vanessa Cardozo Brandão, analisa imagens fotojornalísticas da BBC News sobre os voluntários Águias do Deserto, que buscam migrantes no deserto de Sonora. A partir de Butler e Macé, discute a construção de uma responsabilidade ética corporificada diante das vidas migrantes e de sua enlutabilidade. Argumenta que o jornalismo pode influenciar os esquemas de inteligibilidade que orientam julgamentos morais sobre quais vidas merecem proteção.

Roberta Barboza de Oliveira Machado e Liliane Dura Brignol apresentam o artigo *A Gorda Estereotipada: Representação de Mulheres Gordas em Séries de Streaming*, de. O artigo investiga como mulheres gordas são representadas em séries de streaming, mostrando que seus corpos ainda são ligados a estereótipos excludentes. Com análise de dez personagens e a recepção de 78 mulheres gordas, identifica categorias recorrentes de representações negativas. Embora existam exemplos que desafiam tais padrões, predominam narrativas que reforçam a marginalização simbólica desses corpos.

Diversidade padronizada: delineamentos da acorporalização midiática é o texto de Vírnia Peixoto Martins e Fernanda Carrera. O artigo discute a representação de corpos diversos na mídia, investigando se há um processo de padronização da diversidade corporal. Com base em conceitos de biopolítica e colonialidade, analisa mecanismos de controle e hierarquização de corpos no

ambiente midiático. A partir dessas dinâmicas, identifica padrões de visibilidade e apagamento e propõe o conceito de acorporalização midiática.

As narrativas além das cicatrizes: uma reflexão sobre as representações de vidas historicamente silenciadas, de Thais Ortega Pichinin, analisa a canção Amarelo, de Emicida, para discutir a representação de sujeitos historicamente silenciados. A partir de Butler, Hartman e Orlandi, examina como visibilidade, silêncio e apagamento moldam a constituição dos sujeitos. Também aborda o meio-plágio como forma de roubo de autoria e silenciamento identitário. Defende a necessidade de discursos que valorizem vidas em sua inteireza, promovendo representações mais plurais e justas.

Quando o laudo do autismo vira post: a midiatização de diagnósticos nas mídias sociais, de Cilene Victor e Amanda Ganzarolli, analisa a crescente exposição pública de diagnósticos neurológicos, como TEA e TDAH, em redes sociais, problematizando a tensão entre informação científica e espetacularização midiática. A partir de estudos sobre comunicação de riscos, neurodiversidade e mídias digitais, examina postagens no Instagram por meio de análise de sentimento. Os resultados indicam que, embora a divulgação de diagnósticos possa fortalecer identidades, também simplifica condições complexas e reforça estigmas. Conclui que a forma de comunicar diagnósticos nas redes é decisiva para seus efeitos simbólicos e deve seguir princípios éticos.

Jornalismo sonoro com perspectiva de gênero: direitos reprodutivos e aborto legal na série Sala de Espera, de Debora Lopez e Gabriely Lemos, analisa como o podcast *Rádio Novelo Apresenta* trata o aborto legal na série *Sala de Espera*, examinando seus três episódios. Observa como recursos sonoros são usados para abordar um tema marcado por disputas de direitos e pelo avanço de pautas conservadoras. A partir de uma perspectiva de gênero, descreve elementos como perfil das fontes, angulação, contextualização e uso de histórias de vida. Conclui que a narrativa sonora funciona como estratégia de resistência à desumanização.

Guilherme Ferreira de Oliveira e Roseane Andrelo trazem, para esta edição, o artigo *Acessibilidade, comunicação e inclusão de trabalhadores com deficiência no contexto europeu: discussões em curso em congressos científicos* de. O trabalho identifica como a acessibilidade para trabalhadores com deficiência é discutida em congressos europeus e estabelece paralelos com o campo da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas no Brasil. Com base em observação participante em três eventos, realiza um estudo de caso múltiplo. Os resultados apontam temas emergentes, como índices de participação no trabalho e o surgimento do Access Coordinator. Conclui que, embora a comunicação seja abordada, não é nomeada como tal, e o campo europeu de RP e Comunicação Estratégica ainda não discute diretamente o tema.

O papel das representações jornalísticas na Cultura do Estupro, de Giulia Navarro e Helen Fontes, investiga como narrativas jornalísticas podem contribuir para a manutenção da cultura do estupro ao culpabilizar mulheres e atenuar a responsabilidade de homens em casos de violência sexual. A partir da Análise de Conteúdo de Bardin e de autores como Sodré, Thompson e Kellner, identifica padrões discursivos que reforçam relações de poder e a dominação masculina. Mostra que essas representações influenciam percepções cotidianas e naturalizam violências. Conclui que compreender tais fatores é fundamental para fortalecer o debate e aprimorar o papel do jornalismo no combate à violência de gênero.

Paulo Bernardo Vaz, Maria Clara Soares Rodrigues e Steyce Lopes trazem o texto *Lesbocídios noticiados pelo jornalismo: textos verbo-visuais em análise*, que analisa textos verbo-visuais de seis notícias sobre lesbocídios para compreender como o jornalismo molda imaginários sociais acerca das lesbianidades. A investigação examina elementos tipográficos e visuais, organizados em categorias

técnicas de análise. Os resultados mostram que as narrativas jornalísticas se articulam com quadros normativos que definem quais corpos são legitimados. Também revelam a permanência de práticas de sensacionalismo, apagamento e violência midiática contra corpos lésbicos ao longo do tempo.

Epistemologia da escuta em coletivos de mulheres comunicadoras: estratégias de enfrentamento da violência de gênero na Amazônia Legal, de Paulo Giraldi, analisa dados da Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher (DataSenado, 2023) nos estados da Amazônia Legal, interpretando-os pela Epistemologia da Escuta. Entende a violência de gênero como fenômeno comunicacional e estrutural, destacando o papel dos coletivos de mulheres comunicadoras como agentes de resistência e transformação. A abordagem integra dados quantitativos e referenciais de autoras decoloniais e feministas negras. Os resultados revelam desigualdades persistentes, subnotificação e aumento de homicídios e feminicídios, reforçando a relevância da comunicação feminista e comunitária para políticas de enfrentamento e democratização da informação.

O trabalho *Através da retina: uma análise das coberturas sobre feminicídio na Alma Preta em dez anos da lei*, de Nayara Luiza de Souza e Bárbara Maria Lima Matias, analisa como a agência Alma Preta cobre casos de feminicídio e transfeminicídio, mobilizando os conceitos de “deslocamento da retina” e “drible”. A reflexão situa essas práticas na continuidade histórica da imprensa negra, marcada por organização política e resistência desde o século XIX. Mostra que tais tecnologias narrativas ampliam e complexificam a cobertura de violências de gênero que atingem sobretudo mulheres negras cis e trans.

El camino es junto: corpo e poética das ruas pelo direito ao aborto legal na fotografia de Lucía Prieto, de Angie Biondi, Rita Maria Radl-Philipp e Luis Alberto Fernández Silva, analisa como imagens de protestos feministas revelam conexões políticas entre países latino-americanos a partir das lutas protagonizadas pelos corpos das mulheres. Na primeira parte, discute-se o corpo como elemento estético na disputa pelo espaço de cena. Na segunda, examina-se a produção artístico-documental da ativista Lucía Prieto sobre as manifestações argentinas pelo aborto legal em 2018. O conjunto constitui um exercício interpretativo sobre a composição visual e as transformações sensíveis captadas nas ruas pelo levante feminista.

Dissidências em intersecção: lesbianidade e transexualidade em Emilia Pérez, de Paula Silveira-Barbosa, Raabe Bastos e Dayane do Carmo Barretos, analisa o relacionamento lésbico entre uma mulher cis e uma mulher trans no filme *Emilia Pérez*, destacando a intersecção entre dissidências de gênero e sexualidade. Apesar das críticas aos estereótipos presentes na obra, o filme é compreendido como oportunidade para discutir representações da lesbianidade no audiovisual. Com base em estudos de gênero e sexualidades, o texto examina três eixos: relações lésbicas para além do sofrimento, representações de identidades trans e lésbicas no cinema e na pornografia. Também aborda a forma como o filme retrata o processo de afirmação de gênero da personagem principal.

O artigo *A Jornada da Vilã: Mito, Representação e Imaginário da mulher perigosa na telenovela brasileira contemporânea*, de Marcella Ferrari Boscolo e Maria Ignês Carlos Magno, analisa como a telenovela brasileira representa a vilania feminina, articulando o imaginário social de Gilbert Durand ao dispositivo melodramático. Propõe uma cartografia simbólica dos arquétipos do “feminino perigoso”, mostrando permanências e transformações em vilãs de grande repercussão. O estudo argumenta que o melodrama acolhe desejos, ambiguidades e transgressões, mas os contém por meio de punições moralizantes, evidenciadas em obras de *Vale Tudo* a *Beleza Fatal*. Conclui que tais representações revelam limites de hospitalidade aos corpos femininos, fazendo da telenovela um espaço de disputa simbólica e afetiva.

Narrar a si em pandemia: experiências LGBTQIA+ de violências em contextos de isolamentos, de Maurício João Vieira Filho e Mariana Ramalho Procópio, discute como pessoas LGBTQIA+ narraram experiências de violência durante e além da pandemia de covid-19, considerando interseccionalidades e sentidos presentes em suas histórias de vida. A pesquisa utiliza um duplo movimento metodológico sensível aos afetos, analisando narrativas do livro *Histórias da queerrentena*. Os resultados mostram que a violência compõe um histórico contínuo de ações direcionadas contra essa população. As narrativas evidenciam que precariedades sociais intensificam violências e isolamentos, que não se limitam à pandemia, mas atravessam toda a vida devido a relações de poder.

Pesquisa em acessibilidade comunicativa: atravessamentos éticos e metodológicos é o artigo de Samara Wobeto e Viviane Borelli, que discute desafios éticos e metodológicos em pesquisas sobre acessibilidade comunicativa, mídia e deficiência, destacando a falta de referências consolidadas e a necessidade de desenhos experimentais. A partir de uma pesquisa sobre formação de jornalistas, articula um relato de experiência com reflexões éticas, metodológicas e epistemológicas. Defende abordagens decoloniais que valorizem saberes produzidos por diferentes corporalidades e ampliem o rigor por meio de protocolos de coleta e análise. Conclui que pesquisas experimentais são fundamentais para consolidar esse campo e promover seu avanço científico.

Augusto Molinari Veloso Fonseca apresenta o texto *Movimento Clean Girl, misoginia, fascismo e o controle dos corpos a partir das redes sociais*. O artigo analisa o movimento Clean Girl como fenômeno sociopolítico que, sob a aparência de neutralidade, opera como dispositivo de controle simbólico sobre corpos femininos. Mostra como essa estética reforça padrões eurocêtricos, exclui identidades dissidentes e articula moda, consumo, redes sociais e discursos religiosos em práticas de higienização visual. A tatuagem aparece como gesto de resistência diante do ideal de corpo "limpo". Conclui-se que o Clean Girl reproduz regimes de poder que disciplinam, apagam e hierarquizam corpos e subjetividades.

Rafael Rodrigues Pereira traz o texto *A Cisheteronormatividade e a invisibilidade no jornalismo: análise discursiva das representações de pessoas LGBTQIA+ no gênero notícia*, que analisa 30 notícias da Folha de S. Paulo para investigar como o discurso jornalístico torna visíveis ou invisíveis identidades e sexualidades. Com base em Fairclough e Van Leeuwen, examina marcas linguístico-discursivas que estruturam essas representações. Os resultados mostram que as notícias tendem a reproduzir normas e estereótipos de gênero e sexualidade. Evidenciam também o apagamento de vozes LGBTQIA+, enquanto fontes oficiais predominam e sujeitos dissidentes aparecem apenas pontualmente.

O artigo *Entre o silêncio e a resistência: signos femininos na história e na cultura*, de Katia Bizan, desenvolve uma reflexão teórico-semiótica sobre o silêncio como signo e forma de resistência feminina frente à história, à cultura midiática e às violências de gênero. Com base na semiótica peirceana, explora como diferentes tipos de silêncio se convertem em linguagem simbólica e gesto ético. Ao analisar figuras como Joana d'Arc, Frida Kahlo, Simone de Beauvoir e Clarice Lispector, evidencia os regimes patriarcais de silenciamento e suas reconfigurações pelas mulheres. Propõe ainda o conceito de silêncio sistêmico, que naturaliza desigualdades e sustenta opressões extremas como o feminicídio.

Um rosto intrigante: retratos, ausências e apagamentos em torno da imagem pública da Beata Benigna, de Joedson Kelvin Felix de Oliveira e Elane Abreu de Oliveira, analisa a ausência de um retrato fotográfico de Benigna Cardoso da Silva e as múltiplas tentativas de reconstruir seu rosto. Discute como as imagens produzidas pela Igreja evidenciam signos ressaltados e apagamentos

que respondem a imperativos tecnológicos, religiosos, midiáticos e políticos. Mostra que essas representações comunicam uma existência marcada por opressões históricas. Conclui que a imagem pública de Benigna revela violências e apagamentos, ao mesmo tempo em que reforça a resistência de uma memória impossível de reduzir a um único rosto.

Capacitismo Algorítmico: uma nova forma de discriminação realizada pelo ChatGPT contra as pessoas com deficiência, de André Gomes da Silva e Elaide Martins é um trabalho que analisa como algoritmos de Inteligência Artificial podem reproduzir práticas capacitistas, configurando o chamado capacitismo algorítmico. Examina a relação entre midiatização, IA enviesada e discriminação digital, destacada por autores recentes. A pesquisa utiliza análise de conteúdo de outputs do ChatGPT para avaliar representações sobre pessoas com deficiência. Os resultados indicam ausência de inclusão e acessibilidade, além da reprodução de estigmas e preconceitos no ambiente digital.

Marcela Fernanda da Paz de Souza e Regina de Souza Teixeira trazem o artigo *A tentativa de silenciamento das pessoas com deficiência e a prática emancipadora da comunicação: extensão universitária para a promoção dos direitos humanos na Região das Vertentes, MG*, que discute como eugenia e capacitismo sustentam a exclusão das pessoas com deficiência e apresenta a extensão universitária como estratégia para promover práticas anticapacitistas. Baseado no projeto *A falácia da incapacidade*, realizado na microrregião de Barbacena, analisa ações desenvolvidas entre 2024 e 2025. A metodologia relaciona eugenia, capacitismo e comunicação digna, destacando produtos e processos voltados a desconstruir preconceitos. Os resultados mostram o alcance comunitário do projeto e reforçam a importância dos meios de comunicação no enfrentamento do capacitismo.

Por fim, o texto *Violência política de gênero e produção acadêmica no Brasil: lacunas e desafios para o campo da comunicação*, de Vanilda Cantarino de Magalhães e Telma Johnson, mapeia a produção acadêmica brasileira sobre violência política de gênero (VPG) na Comunicação entre 2020 e 2024, período marcado pela criação da Lei 14.192/2021. Com metodologia de Estado da Arte, analisa teses, dissertações e anais de eventos da área. Os resultados indicam que o tema ainda é incipiente no campo, revelando amplo potencial para pesquisas futuras. Destaca-se a importância de estudar desigualdades de gênero em um cenário político polarizado e permeado pelo negacionismo nas mídias digitais.

Esperamos que essa publicação contribua para o avanço do conhecimento e para o debate acadêmico sobre a comunicação e as interseccionalidades. Boa leitura!

Nair Prata¹

Editora da Revista Mediação

Referências

- EVANS, Elizabeth. *Transmedia Television: Audiences, New Media and Daily Life*. New York/London: Routledge, 2011.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- SCOLARI, Carlos. *Narrativas transmedia: Cuando todos los medios cuentan*. Barcelona: Deusto, 2013.

1 Editora da Revista Mediação. Jornalista (UFMG) e doutora em Linguística Aplicada (UFMG), com estágio de pós-doutoramento na Universidad de Navarra (Pamplona – Espanha). Na Universidade FUMEC é professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Informação e Comunicação e Gestão do Conhecimento; coordenadora dos cursos de pós-graduação lato sensu Redes Sociais, Comunicação e Marketing e Mídias Digitais; coordenadora do Laboratório de Rádio – Rádio FUMEC. Na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Bolsista Produtividade em Pesquisa C do CNPq. E-mail: revistamediacao@fumec.br

*DOSSIÊ COMUNICAÇÃO E
INTERSECCIONALIDADES:
DIREITOS, AFETOS, DISPUTAS
E DISSENSOS*